

Lula promete o fim da CPMF

Petista diz ser possível governar o país com criatividade, em vez de impostos

Florência Costa e Rudolfo Lago

BRASÍLIA

Ao iniciar oficialmente ontem a sua terceira campanha presidencial, o petista Luiz Inácio Lula da Silva (PT-PDT-PSB-PCdoB-PCB) prometeu que, num governo seu, não haverá CPMF ou qualquer outro imposto adicional para financiar a saúde. Acompanhado do candidato a vice na sua chapa, o pedetista Leonel Brizola, Lula visitou famílias beneficiadas por programas desenvolvidos pelo único governador do PT, Cristóvam Buarque (DF), e anunciou as diretrizes de seu programa de governo, reunidas num caderno de 13 itens.

O programa não poupa críticas ao presidente Fernando Henrique, chamado de arrogante, e diz que a estabilização obtida pelo Governo assentou-se “sobre pés-de-barro”, comprometendo a estabilidade social do país. Apesar dos ataques, o texto afirma que a estabilidade da moeda é desejada por todos e pode ser conseguida sem desemprego nem insegurança social. Propõe ainda um crescimento econômico de no mínimo 6% ano, para absorver 1,5 milhão de pessoas que ingressam anualmente no mercado de trabalho. “O novo governo conduzirá com mão segura a transição para uma nova organização da economia, na qual a estabilidade da moeda será realizada com crescimento e distribuição de renda”, afirma o texto.

No conjunto das propostas, falta explicações sobre como alcançar os objetivos. Com relação à saúde, por exemplo, Lula disse que, em vez de impostos, o que resolverá o problema do setor é a criatividade, com a adoção de programas como o Saúde em Casa, experiência de atendimento de saúde preventiva do Governo do DF. Lula assumiu o compromisso de estender o Saúde em Casa para 105 milhões de brasileiros. O candidato visitou ontem uma unidade do programa, na cidade-satélite de Ceilândia. Numa casa alugada, o Governo do Distrito Federal mantém uma equipe de médicos, enfermeiros e assistentes sociais para cuidar preventivamente da saúde de um universo de mil pessoas.

— Com isso se reduz o gasto com o atendimento médico-hospitalar. É muito mais importante do que construir grandes hospitais. O objetivo desse início de campanha pelo Distrito Federal é mostrar que podemos substituir o gasto de dinheiro público pela criatividade — disse Lula.

Dos programas de Cristovam no DF, Lula comprometeu-se também com a implantação do programa de agro-indústria familiar. A idéia é que o programa atinja cem mil famílias em todo o país. Em Brasília ele atende a cem. Com financiamento do Banco de Brasília e assistência técnica da Empresa de Extensão Rural, agricultores e criadores são orientados a montar pequenas indústrias de doces caseiros, ovos ou frangos.

— Cada programa desses costuma empregar duas famílias, cerca de dez pessoas. O custo de investimento de cada empresa é baixo, cerca de R\$ 6 mil. Este é mais um exemplo de que se pode governar o país com simplicidade e criatividade — disse Lula.

Candidato se diz a favor da união civil de homossexuais

Lula assumiu também o compromisso de dobrar, em quatro anos, o valor do salário-mínimo. À noite, em discurso, ele disse que garantirá atendimento médico na rede pública às mulheres que praticarem aborto e sofrerem alguma complicação médica. Também disse ser a favor da união civil de homossexuais — um projeto da deputada Marta Suplicy, candidata ao Governo de São Paulo — e assegurou que modificará a relação do Estado com os viciados em drogas.

A carta-compromisso, divulgada também pela Internet, não traz números nem objetivos detalhados. Nela, Lula apenas se compromete com alguns pontos. Ele afirma que a criação de empregos será a prioridade número um de um governo seu. Compromete-se também a pôr todas as crianças na sala de aula e a criar quatro milhões de bolsas-escola. Garante que a saúde será um dever do Estado e que fará “uma reforma agrária de verdade”. Promete lutar contra a corrupção e a sonegação de impostos, garantir a igualdade de direitos para homens e mulheres, defender o meio ambiente, tirar o Brasil “da humilhante posição de campeão mundial das desigualdades sociais” e trabalhar com ética e



O CANDIDATO DO PT, Luiz Inácio Lula da Silva, vai de ônibus visitar o Programa de Saúde em Casa, do Governo do Distrito Federal: campanha mostrando obras de Cristovam Buarque

Dirceu desabafou:

— Nós vamos ter de rever isso. Da próxima vez, temos de fazer visitas precursoras para ver quantas pessoas cabem em cada lugar. Isso está uma bagunça. E eu ouvi dizer que na granja pode ser pior.

Foi. Na porta da chácara de Francisco, chegaram ainda cerca de 500 militantes. Debaixo de um toldo, estavam montadas algumas mesas e um arranjo com frutas, que os militantes devoraram em poucos minutos. Um assessor do Governo do Distrito Federal tentava conter a militância:

— Vocês são uns mal-educados. Isso é a sobremesa.

Lula e Brizola visitaram o galinheiro de Francisco. Dentro do apertado abatedouro, Francisco demonstrava como matava e embalava, com rigorosos padrões de higiene, as galinhas. Acabou confessando a Lula: teve de comprar as galinhas que iria servir no almoço. As suas ainda não estavam na idade ideal de abate.

De tarde, já parecendo exausto, Lula chegou ao Centro de Convenções Ulysses Guimarães, onde os cinco partidos da frente União do Povo-Muda Brasil organizaram um ato para marcar o início da campanha. O auditório já estava lotado, com cerca de mil pessoas. Apesar de a frente ser composta de cinco partidos, a maioria das bandeiras eram do PT. Às 16h45m o ator Sérgio Mamberti começa a chamar ao palco os líderes de cada partido, como o governador de Pernambuco Miguel Arraes (PSB), os presidentes do PCdoB, João Amazonas, e do PCB, Zuleide Faria de Melo, além dos candidatos a presidente e a vice. A expectativa era de que se sentasse na mesa também um representante do PMDB. Esperava-se a presença do presidente do partido Paes de Andrade e do senador Roberto Requião. Mas até às 18h35m os peemebistas não haviam aparecido no Centro de Convenções. Depois de cantarem, de pé, o hino nacional, começaram os discursos.

Até mesmo crianças beneficiadas pelo programa da bolsa-escola subiram ao palco, como a menina Maytara Lichelli, de 7 anos, escolhida para ser a primeira pessoa a colocar no cofre da campanha a primeira moeda de R\$ 1. Lula acusou o presidente Fernando Henrique de não computar, em seus gastos de campanha, o que está sendo feito com o uso da máquina administrativa. Citou, como exemplo, a festa do Plano Real. ■

uma equipe competente.

Antes de divulgar os principais pontos de sua plataforma, Lula iniciou sua campanha de rua visitando os programas de Cristovam. O granjeiro Francisco Carlos de Araújo estava desolado: ele preparara 40 frangos com polenta na cozinha da sua modesta casa, mas nem Lila nem Brizola comeram. Francisco, dono do abatedouro Vip, agro-indústria familiar visitada pelo candidato, foi uma das vítimas da desorganização do primeiro ato da campanha eleitoral de 98. A coordenação da campanha de Lula e os assessores do Governo do DF, que organizaram as visitas, não previram o grande número de militantes que seguiu Lula e Brizola em carreata. O resultado foi centenas de pessoas tentando entrar

em ambientes onde cabiam, no máximo, 50.

Vindo do Rio, Brizola chegou ao Aeroporto de Brasília por volta das 9h. Esperou Lula até 9h35m. Uma carreata com cerca de 200 automóveis enfileirava-se na pista que leva ao aeroporto. Lula entrou numa das três vans alugadas pela campanha para o percurso. Os jornalistas entraram num ônibus. Cerca de dois quilômetros depois, a van de Lula parou e ele, junto com Brizola, Cristovam e seu candidato a vice, Sigmaringa Seixas, o presidente do PT, José Dirceu, e Marta Suplicy entraram no ônibus. Cristovam iniciou uma série de discursos. Deixaram Lula por último. Quando chegou a sua vez, o microfone pifou. Lula só pôde denunciar que o Governo fe-

deral estava atrasando a liberação das parcelas para o pagamento dos servidores das áreas de saúde, transporte e segurança do Distrito Federal.

— Estão fazendo isso para constranger o Governo do PT — disse Lula. Na verdade, segundo Cristovam, o Governo tem prazo até hoje para fazer o repasse. O que há é um temor de que haverá um atraso.

Lula e a multidão que o acompanhava chegaram a uma rua do Setor P-Sul, de Ceilândia, para visitar uma pequena casa que serve ao programa Saúde em Casa. Todos tentavam entrar na pequena sala da casa. Depois de muitos empurrões, os seguranças conseguiram fazer com que só entrassem os políticos e os jornalistas. Imprensado numa parede,

Ailton de Freitas